+ Superprodução musical, *Xanadu* desembarca em Maceió. B8

DIVULGAÇÃO

B

Domingo 06/05/2012

MÚSICA. "Estou estreando". Prestes a lançar o quarto álbum de sua carreira, é assim que Júnior Almeida define sua fase atual. Músico independente há 20 anos, o compositor alagoano quis fazer diferente – e resolveu que era hora de se profissionalizar. Depois de ter canções gravadas por nomes como Ney Matogrosso e Mart'nália, Júnior acaba de finalizar *Memória da Flor*, que sai em julho pelo selo carioca MP,B. Mas embora enxergue esse 'novo momento' como algo casual, não dá para dizer que ele não buscou chegar exatamente onde está. Em entrevista à **Gazeta**, o músico repassa os principais lances de sua trajetória, fala do desejo de se inserir no mercado musical e de sua aposta no que está por vir. Vale a pena conferir

RICARDO LÉDO

NÃO POR ACASO

Júnior se prepara para lançar *Memória da Flor*, o quarto álbum de sua carreira deve chegar às lojas em julho

CARLA CASTELLOTTI
REPÓRTER

Júnior Almeida não tinha um plano. Ainda assim, ao repetir o que costuma chamar de 'ritual' – de sempre levar um disco seu para os grandes nomes da música brasileira que se apresentam por aqui –, um dia o telefone de casa tocou. Do outro lado da linha, Ney Matogrosso avisava que acabara de gravar *Da Cor do Desejo*, canção surgida da parceria entre Júnior e Ricardo Guima que entrou no álbum *Beijo Bandido*.

"Foi o acaso", diz o compositor ao tentar explicar como o encontro aconteceu. Mas o que à primeira vista pode soar como pura casualidade também deve ser encarado como resultado de uma atitude positiva que mistura persistência e uma (boa) dose de sorte. Artista independente até então, em duas décadas dedicadas à música Júnior lançou três discos por conta própria e, nos intervalos entre um e outro, empenhava-se em produzir shows temáticos – para ele, era importante estar nos palcos.

Isso até o compositor despertar para a necessidade de se profissionalizar – afinal, os telefonemas haviam se tornado mais constantes. Djavan, por exemplo, fez a ponte entre o conterrâneo e a carioca Mart'nália, que entrou em contato com Júnior para pedir que ele lhe enviasse algumas de suas músicas. Resultado: a composição *Os Sinais* acaba de surgir entre as faixas de *Não Tente Compreender*, o mais novo trabalho da filha de Martinho da Vila.

Agora, além de ver suas canções serem interpretadas por outros artistas, Júnior Almeida está em vias de tirar do forno *Memória da Flor*, quarto álbum de sua carreira que chega às lojas em julho – e com o qual pretende ir mais longe. "Se você quer estar no mercado, tem de ter uma estratégia. E eu nunca tive. Os outros três discos, eu lancei de forma independente. Antes era só vontade de fazer. Mas parece que as coisas acontecem quando têm de acontecer", avalia.

JÚNIOR ALMEIDA
CANTOR E COMPOSITOR

"Acho que eu fiz a minha 'cabeça musical' com o Gil. O primeiro show profissional que vi foi do Quinteto Violado. E o segundo foi o show do Gil no Teatro Deodoro – e fiquei bobo! A partir daí, acompanhei todo o trabalho musical dele. É um músico de quem gosto muito, não só pela musicalidade, mas pela pessoa, por essa coisa de tentar, por meio da música, conversar questões... Ele é um compositor livre, que não pensa: 'Vou fazer um samba, vou fazer outro gênero'..."

'SACUDIDA'

Com produção executiva assinada por Sue Chamusca, *Memória da Flor* conta com a participação de Ney Matogrosso, que divide os vocais com Júnior e Almeida na faixa-título do álbum. Aliás, foi durante a gravação da música no Rio de Janeiro que surgiu a proposta para o disco sair pela MP,B, selo do produtor João Mário Linhares cujo *casting* é composto por artistas como o próprio Ney e Roberta Sá.

"O João Mário, que também é produtor do Ney, me viu gravando *Memória da Flor* quando estive no Rio. Ele gostou e me disse para mandar o disco quando estivesse pronto. Eu mandei e ele veio a Maceió com a proposta", conta Júnior. O álbum sairá com uma tiragem inicial de três mil cópias, com possibilidade de mais duas prensagens.

A produtora Sue Chamusca conta que seu desejo de trabalhar com o compositor não vem de hoje. "Já existia uma paquera, mas eu precisava estar num momento mais sólido do escritório", observa. Fechados os acordos e cronogramas, Sue diz que a proposta era pensar no show, no disco, no figurino e até no clipe – que será dirigido pelo cineasta alagoano René Guerra, com participação de Ney – de forma a garantir uma unidade ao projeto. "É a concepção de um produto", anota.

Após conferir o resultado de *Memória da Flor* em primeiríssima mão, fomos até a casa do compositor, no bairro da Gruta, para bater um papo sobre os acontecimentos que parecem ter dado uma 'sacudida' em sua trajetória profissional. Sossegado, em entrevista à **Gazeta** o músico de 50 anos que é pai de três filhos repassou seus caminhos, contou que sua decisão de seguir carreira sem sair de Maceió se deu de forma consciente e, claro, explicou como surgiu *Memória da Flor*. Leia a seguir.

"NÃO ESTOU PRESO A NADA"

Gazeta. O que você costumava ouvir na juventude?
Júnior Almeida. Olha, na minha juventude o que eu costumava escutar era muita música brasileira. Isso sempre, até hoje. Até porque ela oferece de tudo, transita por todos os gêneros. Antes já oferecia, e hoje oferece ainda mais. Antes tinha uma coisa muito concentrada em estilos, como a bossa nova e a própria MPB.

Você escuta música em casa, no carro ou no iPod?
Eu escuto muita música em casa. No carro não escuto e passei a ouvir muita música no computador, quando estou escrevendo. Eu gosto muito de ouvir o disco, de ler a ficha técnica, de saber quem gravou, quem é o instrumentista, quem fez a produção, gosto de ler a letra...

E qual o último disco que você ouviu?
O da Mart'nália, *Não Tente Compreender*, que me mandaram há poucos dias. Essa história de fechar o artista num gênero... Ela seria uma sambista e o que ela falou é que ela não quer isso [o rótulo]. Ela é uma intérprete – e eu acho que ela está tentando mostrar que pode cantar qualquer coisa. Isso na música brasileira é possível, você pode brincar – ela não é uma coisa só.

Mas voltando à primeira pergunta, você tem ídolos da juventude?
Tenho ídolos da juventude e que continuam sendo meus ídolos. Um deles é o Gilberto Gil. Acho que eu fiz a minha 'cabeça musical' com o Gil. O primeiro show profissional que vi foi do Quinteto Violado. E o segundo foi o show do Gil no Teatro Deodoro – e fiquei bobo! A partir daí, acompanhei todo o trabalho musical dele. É um músico de quem gosto muito, não só pela musicalidade, mas pela pessoa, por essa coisa de tentar, por meio da música, conversar questões... Ele é um compositor livre, que não pensa: "Vou fazer um samba, vou fazer outro gênero"... Ele sente, e daquele sentimento é que surge sua música.

É isso que você tenta fazer quando compõe?
É isso o que eu faço. Não estou preso a nada. As minhas músicas são os meus sentimentos. Nunca fiz diferente.

Júnior, você aprendeu a tocar violão por conta própria, não é? Como foi o 'despertar' para a música?
Desde pequeno eu ouvia muito rádio. Decorava as músicas, brincava de fazer programa de rádio com a pivetada na rua, brincava de banda... Isso eu era bem menino mesmo, a seleção brasileira de 1970 já tinha passado e os nossos ídolos ainda eram o Pelé, o Tostão e o Rivelino. A gente torcia pelos times desses caras.

Você passou uma temporada no Rio de Janeiro. É mesmo necessário sair daqui para tentar alavancar a carreira de músico?
Na década de 1980, fui estudar no Rio – lembro que ia muito ao Circo Voador. Fui estudar, mas a música estava presente o tempo todo. Hoje, tenho plena certeza de que eu ficava me enrolando. Fazia Meteorologia aqui e depois entrei no movimento estudantil, e quando desencantei da Meteorologia por causa das matérias de cálculo resolvi que queria fazer Ciências Sociais. Pesquisando, vi que a Universidade Federal Fluminense era uma referência. Então eu disse: "Vou". Fui e fiz.

Então você é sociólogo?
Não. Aí que está. Depois de uns dois anos e meio lá, vim passar umas férias em Maceió e, como a música estava sempre presente, o que faltava mesmo era coragem. À época havia muitos festivais universitários de música acontecendo por aqui. Era muito rico, as pessoas lotavam o Teatro Deodoro – na final o público era tão grande que nem acontecia no Deodoro, todo mundo ia para algum ginásio, como o da Fênix ou do CRB. Então a turma criou uma banda e inscreveu uma música – *Cabeças de Pitomba*, composição de Emílio Magalhães e Jatiúca. O nome da banda era Caçoa, Mas Não Manga. Éramos 12 e foi minha primeira banda. No festival foi superengraçado, recebemos vaias e aplausos e até um prêmio de consolação. Resultado: essa banda teve vida útil de um ano e pouco e foi a primeira vez que ganhei dinheiro com música. Era o que faltava para eu desistir de Ciências Sociais. Depois disso, não teve um dia sequer em que eu dissesse "Que pena!". CC

Continua nas págs. B2 e B5

CONTINUAÇÃO DA PÁG. B1. Júnior Almeida avalia o mercado da música, lembra da ligação inesperada que recebeu de Ney e conta como passou a acompanhar com mais interesse o tema da distribuição dos direitos autorais no Brasil

O TELEFONEMA-SURPRESA DE NEY MATOGROSSO

"Eu disse um monte de besteira... Depois de uns dois dias eu liguei e aí sim, conversei direito", recorda

CARLA CASTELLOTTI
REPÓRTER

Gazeta. Você tem mais de 20 anos de carreira, e *Memória da Flor* é seu quarto disco. Qual a maior dificuldade para se trabalhar com música no Brasil, em especial aqui no Nordeste?
Júnior Almeida. A maior dificuldade... São várias. Fazer música – digo como uma brincadeira – é algo fácil, tanto que temos muitos músicos competentes. A questão é quando você grava: a primeira dificuldade é registrar bem e colocar em alguma mídia para que as pessoas ouçam, e isso, por si só, requer recursos. Conseguir o recurso é que é difícil; é danado você conseguir um patrocínio. E depois disso vem outra dificuldade, que é a distribuição do seu projeto. Mas eu acredito que essa é uma dificuldade dos artistas no Brasil todo. Isso não é um "privilégio" do músico, vai além. Toda pessoa que trabalha com arte e cultura sofre com essas dificuldades.

Antes mesmo de *Memória da Flor* você já tinha estabelecido contato com Ney Matogrosso – ele gravou a sua canção *Da Cor do Desejo* no álbum *Beijo Bandido*. Como foi que se deu essa aproximação?
Foi o acaso. Eu fui a um show do Ney, o *Inclassificáveis*, e no final tenho um ritual: quando acabou o show, fui ao camarim, chegando lá estavam vários músicos daqui, a maior rodinha. Foi rápido, inclusive ele nem falou diretamente comigo, o que foi bom – como não teve nenhum contato, afetividade, não houve uma espera. Entreguei e fui embora e realmente não esperava nada. Três semanas e meia depois – a gente não esquece disso –, chego em casa e tinha um chamado do Rio. Quando liguei me passaram para ele, que falou: "Oi, quem está falando é o Ney e estou ligando porque gravei a sua música". Aí eu disse um monte de besteira.. (risos). Depois de uns dois dias eu liguei e aí sim, conversei direito. Depois soube que ele ouviu o disco e como *Beijo Bandido* já estava em fase final, ele resolveu gravar a música.

Mesmo que a polêmica em torno da cobrança de direitos autorais por parte do Ecad tenha arrefecido, o que você acha da arrecadação como ela é feita hoje?
Olhe, eu passei a acompanhar essa história com algum interesse há pouco tempo. Por conta da gravação de *Da Cor do Desejo* pelo Ney, e pela primeira vez estar inserido nesse contexto. O que pude ver é que de certa forma o sistema de arrecadação funciona – talvez por ser o Ney, um artista de maior repercussão. Escuto muita reclamação pela forma de se arrecadar, mas tenho pouco conhecimento sobre todo o processo e as questões burocráticas que envolvem a arrecadação. Eu acho que a grande questão [da arrecadação] veio com a internet e as novas tecnologias...

Você baixa música?
Às vezes eu ganho DVDs piratas e meus filhos baixam música. E às vezes eu digo que quero ouvir algo e eles 'pegam' para mim ou me mostram um disco bacana que baixaram. Mas como eu gosto do encarte, de pegar, ficar lendo, prefiro o disco. Mas também ouço música na internet. Houve uma democratização, uma liberdade de você liberar o seu disco para quem quiser ouvir. Mas isso quebrou toda uma estrutura amarradinha. Acho que a questão do direito do autor tem de ser discutida; é o seu trabalho, você deve ser pago pelo seu trabalho. Mas também acho que vão encontrar uma maneira de arrecadar... O capitalismo é muito bom nisso.

Você recebe direito autoral quando sua música é cantada pelo Ney. A quantia é significativa?
Eu recebo de dois em dois meses uma prestação de contas da União Brasileira dos Compositores (UBC), de quanto foi arrecadado pelo Ecad com a execução da música, onde foi o show e onde a música tocou. Os valores não são altos; houve uma época em que era muito mais significativo, existia gente que vivia disso. Não sei se isso é uma prática das outras associações, mas recebo tudo especificado.

E para receber a prestação de contas é preciso obrigatoriamente estar filiado a uma dessas associações...
Isso. No caso, é uma associação de compositores. Outra coisa é que você tem de editar sua música. E aí entramos em outra discussão, já que os artistas são danados para não enfrentar a legislação, mas é uma questão extremamente legalista. Alguém tem de ficar responsável pela sua música, ou você próprio teria de ter a capacidade de saber onde ela foi executada. Outra parte é você ser associado a uma associação que vai te fazer o repasse dos direitos autorais. É uma coisa chatinha, de pura burocracia mesmo, e às vezes tem gente que não quer fazer.

E sobre a Lei de Direito Autoral: você acha que essa legislação se aplica ao atual consumo de música?
Ainda não conseguiram resolver essa questão. Eu estava acompanhando o lançamento do iTunes no Brasil esses dias, mas a questão me parece cultural, porque como é que um sujeito que baixa música todo dia vai comprar a música que ele também vai baixar? Eu acho que é uma questão de educação. Como cobrar por algo que você tem fácil acesso e todo mundo pode ter?

Além de músico, você é diretor do Espaço Cultural Linda Mascarenhas. Nos últimos tempos, alguns shows da chamada cena musical independente têm acontecido por lá. Como você definiria seu trabalho nessa função?
Estou lá há três anos. Com a experiência que tenho, quando fui para lá o que vi foi que temos poucos espaços para música de pequeno e médio porte – não por sua qualidade, mas pelo seu alcance. Some-se a isso que para produzir um bom espetáculo você deve ter um bom som e uma boa luz. Ou seja: você tem de gastar. Num estado pobre como o nosso, esse tipo de espetáculo tem uma dificuldade imensa de ser realizado. Lá temos um teatro com espaço para cem pessoas, uma galeria, um estacionamento, tudo dentro de um instituto de comunicação. Ou seja, todas as condições para que aquele lugar possa, sim, receber esse tipo de produção. É também um dever do Estado oferecer essa produção realizada por aqui para a comunidade – de uma forma fácil e que garanta a qualidade do espetáculo.

E como que as pessoas devem proceder para levar um projeto para o Linda Mascarenhas?
Até hoje é assim: as pessoas que chegam com projetos bacanas, a gente topa. É fácil você trabalhar com bons projetos. E existe uma carência disso.

Mas o que se poderia chamar de um bom projeto?
É difícil você classificar o que é a boa música, mas ao conversar com um artista dá para perceber o cuidado que ele tem na produção dele, de pensar um roteiro, ter a visão do show como espetáculo, trabalhar a reação do público... Enfim, são todos pontos subjetivos, mas que se pensados você entende que está diante de um bom projeto, que o artista está tentando transformar aquilo em algo profissional.

Vocês não pensam em abrir uma espécie de edital?
Eu penso, mas somente no dia em que recebermos mais projetos do que nossa capacidade de executá-los. Porque até agora todos os projetos que chegaram foram realizados. A gente trabalha dentro de uma esfera que não é tão grande assim.

Você conhece o coletivo Popfuzz, braço do Fora do Eixo em Alagoas? O que pensa sobre a atuação deles por aqui?
Tenho acompanhado porque eles fizeram algumas atividades lá no Linda. Não existe regra, e sim várias formas de expor sua arte para as pessoas. É uma turminha nova que encontrou um caminho coletivo e bacana, fazendo uso das novas mídias. São ações que favorecem o cenário e que vão criar outras questões – e sabe-se lá o que vai se tornar. Só de estar produzindo, conseguindo fazer a produção circular, já é legal.

RICARDO LÊDO

JÚNIOR ALMEIDA
CANTOR E COMPOSITOR
"Eu recebo de dois em dois meses uma prestação de contas de quanto foi arrecadado pelo Ecad. Os valores não são altos"

CONTINUAÇÃO DA PÁG. B1. Na última parte da entrevista, Júnior Almeida diz como vê a discussão acerca da questão das 'raízes' e conta que *Memória da Flor* fez com que ele redescobrisse o prazer de cantar

"SEMPRE ME ACHEI **COSMOPOLITA**"

Trabalhando pela primeira vez com uma produtora, o músico não esconde sua empolgação em relação ao futuro

CARLA CASTELLOTTI
REPÓRTER

Gazeta. Sua composição *Os Sinais* está no novo disco da Mart'nália. Como a música chegou até ela?
Júnior Almeida. Mart'nália veio fazer um show aqui em Maceió, me ligou dizendo que estava fazendo um disco novo, que o Djavan era o produtor, e que foi ele quem disse a ela para me procurar.

Ele já conhecia sua música?
Eu conheço o Djavan de acompanhar seu trabalho e 'bati' com ele várias vezes nessa historinha de entregar o disco no camarim, conversar... É um ritual... (risos) Já tive a oportunidade de conversar com ele algumas vezes, ele é muito bacana, e algumas vezes chegou a elogiar o meu trabalho. E era essa a relação que eu tinha com ele. Assim, a Mart'nália pediu para eu lhe mandar algumas músicas. Mandei algumas coisas que estavam dentro da proposta do disco. Foi um presente do Djavan para mim, e eu agradeço bastante.

Você pretende compor para outras vozes?
Não, eu pretendo cantar minhas músicas. Ultimamente cresceu muito em mim essa vontade de cantar, interpretar. Passei um tempo que eu não era muito cantor e agora tenho gostado de cantar as minhas músicas e as de outros compositores. Estou tomando gosto por essa coisa do intérprete, mas, é claro, quero continuar compondo. A maior alegria de um compositor é quando ele vê alguém cantando sua música – independentemente de em que 'grau' essa pessoa se encontra dentro do mercado musical.

Você se considera melhor cantor ou compositor?
Acho que faço umas composições legais, mas estou tentando cantar à altura das composições. Eu acho que eu me viro... (risos) Estou gostando muito de interpretar. Eu acho que estou aprendendo a cantar – é um jeito de falar a música. Isso tem dado um prazer danado, a ponto de eu me meter a ser cantor.

Falando do disco, quanto tempo foi necessário para fazer *Memória da Flor*?
Foram dois anos. Eu gosto muito de trabalhar em cima de um tema, um conceito. Todos os meus trabalhos foram feitos dessa forma. Depois de *Limiar do Tempo*, eu pensei: "Caramba, o que eu vou fazer agora?". Um assunto que me interessava muito é essa história das novas tecnologias. E querendo fazer um novo trabalho, me veio a imagem de novas navegações. Há um tempo, você saía de um continente para o outro com o barco a vela; agora você 'navega' por cima, pelo espaço, a ideia é outra.

Como é seu processo criativo? O que vem primeiro, letra ou música?
Quando é em parceria, as letras são geralmente poesias ou textos que ganho ou pego de alguém. Então geralmente a letra existe e eu coloco a música. Quando é uma música minha, as duas coisas vêm juntas. E quando eu escrevo, costumo dar para alguém musicar – se não vier junto eu não consigo, não saio do canto. É um processo solitário porque eu costumo ir para o meu cantinho... Eu não entendo muito isso de "Ah, vamos fazer uma música...".

Com *Memória da Flor* você se enxerga mais cosmopolita e menos local?
Olha, eu sempre me achei cosmopolita. A questão é que sempre vivi aqui. Eu sempre tive dificuldade nessas discussões sobre raízes. Eu nasci na rua Cincinato Pinto, no centrão, a minha vivência foi urbana, eu escutava rock, adorava Rolling Stones – adorava não, adoro! Quando era garotão, tocava blues, tinha uma guitarra... Então nunca pensei a música como uma forma de traduzir o lugar. Adoro o lugar em que vivo e digo que já sou nordestino o suficiente com o sotaque e na melodia, porque temos uma forma de cantar.

A produção executiva do disco é assinada pela Sue Chamusca. Foi uma escolha consciente na tentativa de viabilizar o disco?
Totalmente consciente. Sempre me perguntavam por que eu não tinha saído daqui. Eu sempre disse que existem 'n' questões que levam uma música a chegar em um universo maior. Algumas muito subjetivas, como a sorte. E também estratégias. Você está se colocando para um mercado, para a indústria fonográfica. Caramba, se você quer estar no mercado, você tem de ter uma estratégia. E eu nunca tive. Os outros três discos eu lancei de forma independente, sem estratégia de divulgação nem de distribuição. Antes era só vontade de fazer. Mas parece que as coisas acontecem quando têm de acontecer. Houve a aproximação com Sue, ela demonstrou comigo um profissionalismo que me fez admirá-la ainda mais, e há um entrosamento que também é essencial.

Como foram as negociações para o disco ser lançado pela MP,B?
O dono da MP,B é o João Mário, produtor do Ney Matogrosso, que me viu gravando *Memória da Flor* quando estive no Rio. Ele gostou e me disse para mandar o disco quando estivesse pronto. Eu mandei e ele veio a Maceió com a proposta. Por incrível que pareça, estou estreando. Pela primeira vez estou fazendo um disco com uma produção e pela primeira vez estou fazendo um disco que sai por um selo nacional.

E você pretende repetir essa experiência?
Como é uma estreia, é uma grande novidade, estou aprendendo a lidar... Estou muito satisfeito. É disso para melhor, né?

Júnior, para terminar: você considera esse o principal momento da sua carreira?
Não. O principal momento vem por aí...

RESENHA

Um passeio entre gêneros e parcerias

Sem distorções, a guitarra 'seca' de Toni Augusto marca o compasso de *Poesia*, abre-alas de *Memória da Flor*. Vigoroso, o arranjo que combina o bandolim de Bruno Palagani com a sanfona de Adriano Magoo impressiona. Musicado por Júnior Almeida, o poema *Catarina*, de Fernando Fiúza, surge na sequência – e garante a porção 'balanço' do disco. Música de trabalho do registro, a faixa-título chega carregada de drama, qualidade acentuada pela interpretação impecável de Ney Matogrosso, aqui numa participação mais do que especial. Novamente, o ouvinte é presenteado com a casadinha de sanfona e bandolim. Marcado pelo teclado de Dinho Zampier, o blues de *O Presente* aparece como fator surpresa, seguido pelos *reverbs* de guitarra em *Pequenas Misérias*, outro poema de Fernando Fiúza. Em clima de balada, *À Toa* prepara a cama para Júnior Almeida deitar e rolar no sambinha de gafieira *Nem uma Pétala*, com execução e letra (parceria com Zé Paulo) dignas de nota. Poderia ter fechado o pacote. Menos expressivas, *Tal Sol, Tal Homem e Tal Maria* (com violas de Fernando Melo) e *Poema nº 8* valem pelos arranjos, mas soam menores diante das outras canções. **CC**

Disco: *Memória da Flor*
Artista: Júnior Almeida
Gravadora: MP,B/Universal
Lançamento: julho de 2012
Preço: não informado